Operações urbanas e espaços de lazer em Catalão (GO)

Urban operations and leisure spaces in Catalão (GO)

Operaciones urbanas y espacios de ocio en Catalão (GO)

Vinícius Mendes

Doutorando em Geografia - Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia / MG
E-mail: viniciusmenndess@gmail.com

Carmem Lúcia Costa

Professora Doutora do programa de pós-graduação em Geografia - Universidade Federal de Catalão -UFCAT, Catalão/GO
Email: clcgeo@ufcat.edu.br

Resumo:
Este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem como objeto de estudo uma operação urbana responsável por alterar as praças da cidade de Catalão (GO). Um processo comandado pelo Estado de transformação do espaço para expansão da acumulação de capital, ocorrendo o que Lefebvre aponta como a sobreposição do valor de troca ao valor de uso, que cria um urbano desigual. Com isso, o objetivo geral do texto é compreender a reprodução/ renovação, o uso e a apropriação das praças na cidade de Catalão (GO). A metodologia foi pensada pautando as relações entre a realidade, a teoria e prática, construída com a revisão de literatura nos conceitos de trabalho, reprodução da cidade e do espaço urbano, usos da cidade em autores/as. Seguida da pesquisa documental em leis, documentos institucionais do município, sites e outros, do trabalho de campo e por fim ocorreu a análise de todo material levantado. Os resultados da pesquisa mostram que existe uma desconexão entre os usos das praças e do resultado da operação urbana, mas ainda assim existem possibilidades observadas nos usos cotidianos.

Palavras-chave: Urbano, Cidade, Operação Urbana, Espaço Público, Lazer.

Abstract:
This work is part of a master's degree research that has as its object of study an urban operation responsible for altering squares in Catalão (GO). A process commanded by the State of transforming space to expand capital accumulation. Therefore, the general objective of the text is to understand the reproduction/reformation, use, and appropriation of squares in the city of Catalão (GO). The methodology was designed based on the relationships between reality, theory, and practice, built with a literature review on the concepts of work, reproduction of the city and urban space, and uses of the city by the authors, followed by documentary research into laws, municipal institutional documents, websites, and others, fieldwork and finally the analysis of all collected material. The research results show a disconnection between the uses of squares and the result of urban operations, but there are still possibilities observed in everyday uses.

Keywords: Urban, City, Urban Operation, Public Space, Leisure.

Resumen:

Este trabajo forma parte de una investigación de maestría que tiene como objeto de estudio una operación urbana responsable de la alteración de plazas en la ciudad de Catalão (GO). Un proceso comandado por el Estado de transformación del espacio para ampliar la acumulación de capita. Por tanto, el objetivo general del texto es comprender la reproducción/reforma, uso y apropiación de plazas en la ciudad de Catalão (GO). La metodología fue diseñada a partir de las relaciones entre realidad, teoría y práctica, construida con una revisión de literatura sobre los conceptos de trabajo, reproducción de la ciudad y espacio urbano, usos de la ciudad por parte de los autores. Seguido de la investigación documental sobre leyes, documentos institucionales municipales, sitios web y otros, el trabajo de campo y finalmente el análisis de todo el material recolectado. Los resultados de la investigación muestran que existe una desconexión entre los usos de las plazas y el resultado de las operaciones urbanas, pero aún se observan posibilidades en los usos cotidianos.

Palabras-clave: Urbano, Ciudad, Operación Urbana, Espacio Público, Ocio.

Introdução

A reprodução do espaço urbano carrega consigo as contradições inerentes ao sistema capitalista, sendo reflexo das lutas de classes pois é construída através das desigualdades que marcam uma sociedade organizada em prol do lucro e da ampliação do processo de acumulação de capital. Assim, a cidade passa por diferentes renovações responsáveis por adequá-la às necessidades dos empreendedores capitalistas.

Nesse contexto os espaços públicos de lazer deixam de ser espaços voltados ao uso e passam a ser espaços destinados a ampliação da acumulação e para isso a forma destes espaços precisa ser alterada, processo no qual o valor de troca sobressai ao valor de uso. Este foi o fenômeno observado por esta pesquisa na cidade de Catalão (GO) uma cidade média do interior de Goiás que mescla em seu cotidiano elementos inerentes a sua forma e tamanho com elementos característicos das grandes metrópoles. É através deste arcabouço que são analisadas as praças da cidade Catalão (GO) que passaram por renovação desde 2017 até 2022, recorte temporal definido através da observação de que um padrão de reforma foi aplicado durante este período.

Deste modo, objetivo geral do texto é compreender a reprodução/ renovação, o uso e a apropriação das praças na cidade de Catalão (GO), e os objetivos específicos são: compreender a reprodução espacial por meio da contradição do uso-troca e interpretar as transformações ocorridas nas praças de Catalão (GO). Para isso, foi utilizada uma metodologia baseada no materialismo histórico-dialético (Triviños, 1987) pautando as relações entre a realidade, a teoria e a prática. Iniciamos com a revisão de literatura sobre os conceitos de trabalho, reprodução da cidade e do espaço

urbano, usos da cidade em autores/as como Lefebvre (2001), Carlos (2011, 2017), Corrêa (2004), Harvey (2005, 2014), dentre outros/as. A segunda etapa foi a de pesquisa documental em leis, documentos institucionais do município, *sites* e outros. A terceira etapa foi o trabalho de campo de observação, no qual as praças foram visitadas e catalogadas, e por fim ocorreu a análise de todo material levantado.

Esta é uma pesquisa de mestrado financiada pela CAPES que colabora com a geografia das cidades médias, com a qual se busca não só pensar o lazer e a apropriação da cidade, mas também construir elementos que colaborem para efetivação do direito à cidade de forma cada vez mais plural.

A reprodução do urbano, os interesses capitalistas e os usos da cidade

A reprodução do espaço é um fenômeno importante para a compreensão da sociedade. Em diálogo com Lefebvre (2001) e Carlos (2011) se torna evidente que o espaço possui relação dialética com a sociedade; os dois se produzem reciprocamente, o que faz com que diferentes espaços sejam reproduzidos ao longo da história. Isto leva a reflexão de que na sociedade capitalista a reprodução do espaço acaba sendo influenciada por todas as contradições inerentes ao sistema econômico responsável por controlar as relações sociais.

O espaço no capitalismo é fruto de uma produção econômica que culmina na fragmentação e hierarquização dos lugares que passam a ser elementos da reprodução do urbano, diferenciando o conteúdo das experiências e das relações socioespaciais entre os/as indivíduos/as.

Assim, sob a ótica capitalista a cidade é uma mercadoria, e as pessoas estão no urbano para consumir e para que sua força de

trabalho seja explorada em prol da ampliação do processo da acumulação de capital. Os empreendedores capitalistas disputam a reprodução do espaço, buscando atender os interesses específicos de seus empreendimentos. O Estado aponta atua para organizar os interesses capitalistas e materializar as alterações na cidade, utilizando sua legitimidade e poder para metamorfosear a cidade e garantir o lucro de grupos específicos (Corrêa, 2004).

Ao passo que o capital produz a forma da paisagem física e social da urbanização, por consequência reproduz limites ao próprio desenvolvimento capitalista futuro (Harvey, 2005). Assim, Harvey (2005) mostra que através da lógica da circulação e acumulação o espaço é moldado, criando limites e condicionantes para pontos posteriores do tempo e espaço. No contexto da luta de classes existe a disputa pela construção de sua própria geografia histórica, sob a busca por moldar estes limites e condicionantes (Harvey, 2005). Em um contexto que os/as habitantes da cidade convivem com a expansão do capital que culmina na destruição criativa dos espaços propondo novos usos e programações aos lugares.

Sendo assim, essa "relação de duas vias de reciprocidade e dominação (em que os capitalistas, como os trabalhadores, são dominados e coagidos pelas suas próprias criações) pode ser mais bem apreendida em termos dialéticos" (Harvey, 2005, p. 165). Deste modo, o exame da realidade revela que a cidade industrial capitalista é produto de relações sociais de exploração, de uma desigualdade estrutural que atravessa os sujeitos em raça, classe e gênero.

Em escala global, a urbanização contemporânea é consequência de alguns fenômenos dentre eles o neo-imperialismo e a globalização das multinacionais, processos que perpetuam, ainda hoje, relações colonizadoras em escala global, e na escala local,

gerando também a precarização das relações de trabalho. Assim, o sentido do espaço é redefinido "à medida que os lugares da cidade se reproduzem por meio de um processo de trabalho gerador de mais-valia" (Carlos, 2013, p. 98). Este processo entendido como indutor da urbanização, também é para Harvey (2014), historicamente a cidade é constantemente alterada para manter as relações desiguais de exploração capitalista, a operação urbana emerge enquanto um instrumento de planejamento do Estado de alteração do espaço.

Por isso, "enquanto condição da realização do ciclo do capital, revela a necessidade de uma aliança entre o estado e os setores modernos da economia" (Carlos, 2017, p. 13), para que a reprodução espacial ocorra. O Estado, resguardado pelo discurso institucional, é representante dos interesses dos agentes hegemônicos que buscam espaços adequados para seus empreendimentos, e por isso, atua com o intuito de oferecer condições aos capitalistas, sendo o indutor de grandes transformações nas formas da cidade.

Assim, a operação urbana é uma estratégia de reprodução espacial que atua de forma classista, para atender a grupos sociais específicos, da burguesia, a operação urbana atua no sentido de reformar e/ou reformular espaços, que podem inclusive ter suas formas cristalizadas anteriormente, as quais só o poder dominante do Estado pode alterar. Com isso,

> Transparece, com toda evidência, o poder do Estado nesse processo. Ao ser responsável pela produção social da rede sistêmica de infraestruturas urbanas, as decisões de inseri-las no território passam a ser, pelo menos em tese, discricionárias do poder público. Quanto mais homogêneos forem os investimentos em infraestrutura, mais generalizado será o acesso à cidade. Quanto mais heterogêneos, mais variações de preço, mais desigualdade na apropriação e no

> uso do solo urbanizado. As cidades capitalistas têm essa contradição: o investimento social em infraestrutura provoca o aumento dos preços e os lotes, por serem caros, acabam sendo adquiridos individualmente pelos mais endinheirados (Ferreira, 2022, p. 23).

Ou seja, as operações bem como os processos de renovação e/ou requalificação do urbano, utilizam o dinheiro público para produzir espacialidades excludentes às populações, principalmente a classe trabalhadora mais pobre. O acesso à infraestrutura, reproduz centralidades – ou cria – excludentes, que são reflexos de uma autonomia relativa de um Estado que atende às necessidades do mercado, materializando processos de exclusão da cidade.

Esta exclusão do direito à cidade (Lefebvre, 2001) ocorre principalmente a partir da programação da vida, da organização em mínimos detalhes do viver da classe trabalhadora. Processo tal que organiza o morar, transitar, lazer, definindo quem ocupa quais lugares no espaço citadino, de modo que visa manter a classe trabalhadora passiva em seus postos de trabalho, ainda buscando reordenar o urbano de forma a garantir formas mais eficazes de acumulação de capital a partir da melhoria dos processos de produção e circulação de mercadorias.

A concepção do viver na cidade é distorcida a todo momento, alterando os referenciais dos/as trabalhadores/as, levados/as a aceitar viver em uma cidade alheia a si, por mais que nem sempre essa aceitação seja efetivada. Entretanto, isso não ocorre de forma passiva, mas sim de através de contradições, inclusive com a resistência das pessoas que em seu cotidiano ressignificam a cidade.

Neste sentido, "o processo de produção do espaço, nesta visão, não se reduz a uma produção material do mundo" (Carlos, 2011b, p. 56), logo, vai além do que a mercadoria pode proporcionar.

Assim, a produção espacial ganha significado na vida humana, para além da objetividade, pois em momentos a vida reage e supera ao que é imposto pelas contradições da produção capitalista (Carlos, 2011a).

À luz disso hoje, "vivemos em um mundo no qual os direitos de propriedade privada e a taxa de lucro se sobrepõe a todas as outras noções de direitos em que se possa pensar" (Harvey, 2014, p.27), inclusive ao direito à cidade, pois ela se torna uma mercadoria a ser consumida.

> A sociedade de consumo traduz-se em ordens: ordem de seus elementos no terreno, ordem de ser feliz. Eis o contexto, o palco, o dispositivo de sua felicidade. Se você não souber aproveitar a ocasião de pegar a felicidade que lhe é oferecida para fazer dela a sua felicidade é que... Inútil insistir! (Lefebvre, 2001, p.32).

Tal movimento reproduz o mal-estar de viver em um cotidiano urbano marcado por desejos insaciáveis, submissões e opressões diversas. Deste modo a sociedade é organizada para que se mantenha a programação do consumo. Contraditoriamente este processo de opressão/submissão produz a subversão que é a negação cotidiana da programação que as pessoas realizam no seu dia a dia, organizando a cidade em torno de seus usos particulares.

Reflexões sobre o lazer e sobre as praças públicas

Tendo em vista que a reprodução do urbano é parte do processo de ampliação do acúmulo de capital, sendo condição, meio e produto para realização das atividades capitalistas, fica evidente a constante renovação e alteração do significado e programação para os espaços, principalmente os públicos. O resultado disso, é o que Harvey (2014) aponta como uma crise devastadora que é o viver na cidade, marcado por coações e repressões diversas; pela programação

da vida nos mínimos detalhes para que todos os momentos sejam voltados ao capitalismo, assim a classe trabalhadora tem sua existência resumida ao trabalho e ao consumo.

Nessa linha de raciocínio Lefebvre (2001) considerou que existe um processo de subversão as submissões colocadas por quem planeja os espaços; este processo ocorre nos usos improdutivos destes lugares, seja pela festa e usos diversos que fogem ao processo de reprodução da acumulação de capital. Neste contexto em que a cidade é uma mercadoria seus serviços também se tornam e o lazer passa a ser segregado a quem pode pagar, o que é um problema, pois,

> Em relação à questão da qualidade de vida, destaque-se que, nos centros urbanos, os ambientes se apresentam como um aglomerado de construções, numa verdadeira "selva de pedras" e de indivíduos. Com isso, os espaços públicos de convivência são cada vez mais reduzidos, levando os citadinos a procurarem locais públicos ao ar livre para desfrutar do lazer individual, coletivo, ativo, passivo ou contemplativo (Sousa, 2023, p. 37).

Na cidade de Catalão este processo ficou evidente após a operação urbana de renovação dos espaços públicos de lazer, em que as alterações observadas nos lugares mais servem para afastar do que atrair as pessoas para tais espaços. Isso leva aos questionamentos: Qual a funcionalidade destas praças pós operação urbana? Qual o papel do lazer na sociedade capitalista contemporânea?

No Brasil as praças sempre foram concebidas como um espaço de celebração e convivência dos/as cidadãos/as (Robba e Macedo, 2003). Neste sentido as praças "são espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos, definidos pela malha urbana formal

e que não ocupem mais 2 ou 3 quadras consecutivas" (Robba; Macedo, 2003, p. 5).

Ao longo do processo histórico de construção das cidades as praças sempre tiveram diferentes funcionalidades programadas, como de convívio social, usos religiosos, militares, comércio, contemplação, cenário, usos esportivos, culturais e para serviços diversos, isto a depender de seu período de criação e intencionalidade de quem planeja (Tabela 1).

Tabela 1 - Usos programados para as praças nos períodos históricos

Novos usos - Tabela evolutiva dos programas			
Período			
Colonial	Eclético	Moderno	Contemporâneo
Convívio Social	Contemplação	Contemplação	Contemplação
Uso Religioso	Passeio	Recreação	Recreação
Uso Militar	Convívio social	Lazer esportivo	Lazer esportivo
Comércio e feiras	Cenário	Lazer cultural	Lazer cultural
Circulação		Convívio social	Convívio social
Recreação		Cenário	Comércio
			Serviços
			Circulação de pedestres
			Cenário

Fonte: Robba; Macedo (2003). Organização: Elaborado pelos autores, (2023).

É notável que algumas programações desapareceram, como a militar e religiosa, o que não impede que elas aconteçam, mas o lazer contemplativo e ativo, o comércio, serviços e a contemplação de

um cenário são programas que se transformaram e se mantiveram até o período contemporâneo.

Para Silva (2018), a praça é um espaço público urbano onde as trocas sociais, culturais, políticas, religiosas e econômicas acontecem, sendo de grande importância para a vida urbana; assim este deve ser um espaço pensado para ocupação coletiva e contato entre os/as cidadãos/as.

Ainda, o lazer e o convívio são funcionalidades que perpassam as épocas, e mesmo que se mantenha no período contemporâneo não fica evidente que as praças de Catalão (GO) estão organizadas de acordo com estas ideias.

Mesmo o lazer sendo um ponto de discussão importante para a sociedade contemporânea a organização destes espaços não mostra que a área está sendo valorizada por quem planeja espaços que são tão avessos a ocupação. O lazer adquire importância no urbano principalmente com a precarização do trabalho e da vida ocorrendo de forma intensa com longas jornadas de trabalho, horas perdidas de trânsito e de estresse cotidiano. Deste modo, o lazer pode ser entendido como o,

> conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (Dumazedier, 1973, p.34).

O lazer vai além do produtivismo imposto pela sociedade capitalista, na qual as pessoas são levadas a acreditar que precisam estar ocupadas a todo momento, e não precisa ser praticado por ter uma funcionalidade ou utilidade específica. O momento de lazer

também pode ser voltado ao ócio, à criatividade, à construção política e ao que o/a sujeito/a desejar fazer.

Deste modo, Mascarenhas (2001) enxerga o lazer enquanto um direito, um importante indicador de qualidade de vida de um povo, mas que é um privilégio em uma sociedade em que os direitos sociais são tão frágeis, vide um contexto econômico e social colocado pelo autor como uma verdadeira fábrica de pobreza. Assim, por mais que seja importante para qualidade de vida, "parece ainda não ter sensibilizado o poder público quanto à necessidade da efetiva implementação de políticas permanentes para o setor" (Mascarenhas, 2001, p. 54-55). Realidade que perdura atualmente, na qual o lazer e o tempo livre da classe trabalhadora são utilizados em função do capital, enquanto tempo de ser produtivo/a e trabalhar mais, ou enquanto momento de consumo, ambas em prol do acúmulo de capital.

Entretanto, "nessa era capitalista, em que até o "tempo é dinheiro", torna-se cada vez mais difícil encontrar um tempo para efetivar a criação e o prazer, ou seja, para conjugar o lazer, é preciso também de oportunidades de acesso" (Sousa, 2023, p.112). Enquanto para parte da sociedade capitalista, o lazer é uma mercadoria reclusa a aqueles/as que podem pagar pelo acesso, por mais que pessoas de baixa renda construam suas práticas de lazer, o circuito do capital oferece o lazer enquanto uma mercadoria, em um processo de segregação ao direito.

Enquanto forma de apropriação, o lazer é um direito humano universal, assegurado pelo artigo XXIV da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), que diz "todo ser humano tem direito a repouso e lazer, inclusive à limitação razoável das horas de trabalho e férias periódicas remuneradas" (ONU, 1948, p.5).

Outrossim, assegurado pela Lei n° 5.452/1943, que trata da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT) que define em seu Art. 223-C, na Constituição de 1988, no Art. 6º aponta que são: "direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição" (Brasil, 1988).

Mesmo sendo um direito a ser assegurado de forma plural, isso não ocorre na prática, principalmente quando os espaços de lazer são organizados de uma forma em que não contribui para as ocupações cotidianas. Revela-se que espaços "que deveriam ser lugar do encontro, da festa estão se mostrando cada vez mais contraditórios: segregados e fragmentados, com apropriações em que cada um busca satisfazer suas próprias necessidades, ou estabelecem grupos excludentes" (Sousa, 2023, p. 72). Isso porque a produção e a reprodução das praças também foi alterada para se adequar às necessidades capitalistas,

> Os espaços públicos atuais têm se mostrado regidos pelo ritmo criado pelo capital, no qual tudo é transformado em mercadoria e passível de venda. Até mesmo a natureza preservada dos parques nas cidades se desvela contraditória e arquitetada esteticamente para o consumo mercadológico[...] (Sousa, 2023, p. 72).

Neste sentido, fica evidente que existe um descompasso entre a funcionalidade das praças na formação social e histórica, enquanto espaços de convívio coletivo, e das perspectivas de lazer enquanto um direito essencial a qualidade de vida de todos/as inclusive da classe trabalhadora, com a reestruturação dos espaços em prol dos interesses capitalistas de reprodução da acumulação através do consumo.

As perspectivas de praça e lazer exploradas no texto apontam em convergência ao uso e valorização das praças públicas a renovação dos espaços observada em Catalão (GO) caminha em direção ao esvaziamento dos espaços públicos que são substituídos pela esfera privada, onde o isolamento e o consumo acontecem de forma prioritária.

Praças da Cidade de Catalão (GO): As Formas e Reformas

Pesquisas anteriores questionam o papel dos espaços públicos e das políticas de lazer em Catalão (GO). O trabalho de Marçal (2012) ao analisar o Complexo de Lazer do Clube Povo reflete sobre a disposição dos espaços públicos de lazer e aponta que em Catalão (GO) estes locais são escassos e os melhores estruturados estão em bairros nobres ocupados por pessoas com poder aquisitivo, pouco acessíveis à população; questão que acontece também pelo sucateamento do transporte público sem rotas em todas as regiões da cidade.

De acordo com o *site* institucional da prefeitura do município de Catalão (GO), a cidade possui cerca de 116 bairros e loteamentos (Catalão, 2023), e nestes, foram identificadas 42 praças, número pouco maior que 1/3 em relação ao número de bairros, podendo ser considerado baixo. De acordo com o Plano Diretor – Lei Municipal Complementar - nº 3.439 de 08 de dezembro de 2016 e a Lei federal de Parcelamento do Solo Urbano – 6.766/1979 (alterada pela Lei nº 9.785/1999), todos loteamentos no momento de sua aprovação precisam apresentar espaços integrados aos bens de domínio público do município, voltados à implementação de: vias, praças, espaços livres, áreas voltadas a implantação de edifícios públicos e outros equipamentos urbanos (Catalão, 2017). Os números revelam que

mais de 2/3 dos bairros e loteamentos de Catalão não apresentam praças, indo na contramão do que a lei recomenda, por mais que o espaço seja reservado, estes espaços de lazer em outros bairros ainda não foram construídos.

As praças estão dispostas de forma desigual na cidade, a região que mais concentra praças é a central com cinco praças; o bairro Primavera apresenta quatro praças, sendo uma delas formada com um complexo esportivo com quadras de areia e outros espaços para práticas de esportes; a Vila União, Vila Liberdade e Bairro das Américas apresentam três praças cada um: a Vila Cruzeiro II, os bairros Nossa Senhora de Fátima, Elias Safatle, São João e o Residencial Eldorado apresentam duas praças cada um, bem como o bairro Elias Safatle; outros bairros apresentam apenas uma e a grande maioria não tem nenhuma praça.

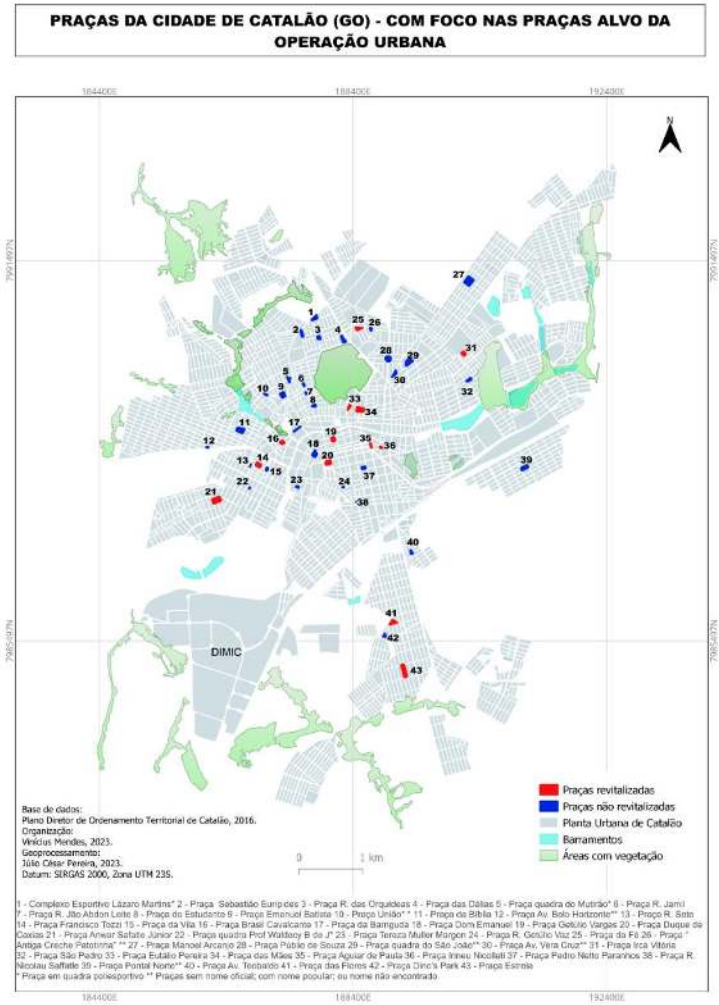
Verificamos que a "gestão do espaço urbano, evidentemente prioriza algumas áreas da cidade em detrimento de setores carentes, que não se vê contemplada por estruturas de esportes e lazer" (Marçal, 2012, p. 21). Com isso, a fragmentação dos lugares, valoriza algumas áreas em detrimento de outras, questão estrutural do capitalismo já exemplificada nas seções anteriores. O resultado é uma segregação que afeta uma grande parcela da população.

> Dessa forma, boa parte da população carece de condições mínimas de acesso ao lazer, uma vez que, se próximo a sua moradia não existem espaços que cumpram essa finalidade, a alternativa que resta é pagar para consumir o lazer dos espaços privados ou se deslocar para os locais públicos, em grande parte distantes de sua residência, o que para a maioria é inviável (Marçal, 2012, p. 21).

Os espaços públicos de lazer estão dispostos no espaço de acordo com a renda das pessoas que moram ou vão morar nos

arredores. Fica evidente que existe uma concentração de praças nos bairros centrais, mais abastados e nos bairros mais antigos, assim as praças estão dispostas de forma desigual na cidade (Mapa 1).

Mapa 1 - Praças da cidade de Catalão (GO) – Com foco nas Praças Alvo da Operação Urbana



Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

A disposição das praças na cidade é desigual e existem bairros como o Evelina Nour, Maria Amélia, Alvino Albino, Marcone,

Flamboyant, Portal do Lago 1, Dona Matilde, Santa Mônica, Vila Maria, Setor Aeroporto, Dona Sofia, Copacabana, Conquista, Ayrton Senna, Jardim Itália, Cidade Jardim, etc. que ocupam o limite entre a área urbana e rural e não dispõem de praças, nem espaços sinalizados de onde serão construídas e muito menos estão localizados perto de outras praças. Somando isso a falta de transporte público os/as moradores/as destes bairros, a população dificilmente goza do direito de conviver em uma praça pública.

Deste modo, o "lazer, enquanto prática social, não se dá na mesma medida, qualitativa e quantitativamente, para todas as classes sociais da população" (Marçal, 2012, p. 32). Neste sentido, as praças alvo da reforma em Catalão (GO) se concentram em sua maioria na área central da cidade, onde o fluxo de pessoas é maior e o marketing urbano acaba sendo mais efetivo, pois é propagado o discurso de que a cidade tem espaços de lazer estruturados e recém reformados, enquanto outras regiões que não seja a central estão esquecidas.

As praças que aparecem em vermelho no mapa são as que foram alvo da revitalização, a partir das observações realizadas em campo nestas praças é que serão elencados alguns elementos sobre estes locais.

Ficou evidente que estes espaços foram organizados através da lógica do marketing urbano, utilizado para promover a cidade e grupos políticos realizadores destes feitos, isto fica claro ao evidenciar que todas as praças alvo da operação passaram por solenidades de inauguração.

O *modus operandi* da segregação é utilizado para deixar o espaço cada vez mais consumível, alterando diretamente o valor dos lugares ao redor, mas produzindo espacialidade alheias a quem mora

na cidade. A segregação reforça que a praça é um valor patrimonial e não um bem coletivo, de lazer ou socialização (Serpa, 2013), o interesse particular de valorização dos espaços e promoção política se sobrepõe aos usos coletivos.

As reformas privilegiam usos despolitizados, individuais e privados dos espaços que deveriam ser públicos, causando tensões no cotidiano. Com isso, diante das novas possibilidades de lazer oferecidas pelas novas tecnologias e pelos espaços de consumo privado, na sociedade contemporânea "espaços públicos como as praças se tornam pouco frequentados, uma vez que as grandes cidades capitalistas não garantem a segurança da população e se estruturam pela divergência entre o público e o privado" (Gomes, 2007, p. 107). Existe um esvaziamento desses espaços, em relação às ocupações e em seu sentido e significado.

O que foi observado em campo aquilo que Serpa (2013, p.172) afirma que através do marketing urbano a "palavra de ordem é investir em espaços públicos "visíveis", sobretudo espaços centrais e turísticos, graças às parcerias entre os poderes públicos e as empresas privadas". Assim, estas praças, principalmente as centrais, são obras utilizadas para promoção da atual administração de Catalão (GO), como forma de validar o trabalho realizado.

Nestes lugares têm uma série de características padronizadas; todas as praças possuem a mesma cor, um tom de amarelo utilizado na identidade visual da administração atual, possuem também a mesma fonte luminosa revestida por azulejos como é possível ver na imagem 4 do (Mosaico 1).

Figura 1 - Praça Aguiar de Paula em Catalão (GO)



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Durante as visitas as fontes estavam com a fonte luminosa desligada, sujas e com água parada, dando a entender que por falta de manutenção tais equipamentos estavam em desuso (Mosaico 2).

Figura 2 - Fonte luminosa com água parada e entulho na praça Irineu Nicoletti (GO)



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

O fato de o equipamento estar sem uso por falta de manutenções preventivas mostra a falta de planejamento a longo prazo, em termos de custo e a logística para manter tais equipamentos em funcionamento. Em outras praças o planejamento displicente fica evidente ao se observar a quantidade de equipamentos em relação ao tamanho da praça (Mosaico 3).

Figura 3 - Praça Brasil Cavalcante em Catalão (GO)



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Com a Operação Urbana ocorreu corte de árvores, substituídas por palmeiras, insuficientes para formar sombra. Foi construída uma quadra poliesportiva ao ar livre, quadra de areia, academia ao ar livre, *pet place*, bancos e mesas de jogos e a repetitiva fonte luminosa.

Observamos que a fonte da praça, também estava desligada e com a água suja, além da ausência de lixeiras, mas ao seu redor há

caçambas que em todas as visitas estavam cheias, pois são utilizadas pelos comércios aos arredores. A praça não tem ponto de água potável e nem banheiro para atender quem a ocupa, visita ou mesmo aqueles/as que vão para a prática esportiva e necessitam desse apoio (Mosaico 4).

Figura 4 - Pet place ocupado por capim na praça Brasil Cavalcante em Catalão (GO)



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

O local não apresenta ponto de água potável e nem banheiros, ainda alguns dos equipamentos precisam de manutenção, o espaço *pet place,* para uso com animais em areia está sem condições de uso, ocupado por causa do capim, além disso, gatos e cachorros de rua utilizam o espaço, sem a manutenção correta ele se torna um transmissor de doenças.

O maior problema desta praça, além da falta de sombra, é a quantidade de equipamentos em um espaço relativamente pequeno,

o que atrapalha o caminhar no local são os muitos bancos, aparentando uma desorganização.

Em outra praça alvo da operação, a Getúlio Vargas (Mosaico 5), ficou evidente houve a tentativa de combinar os elementos da operação com os elementos históricos, visto que é a praça central e uma das praças mais antigas da cidade. Não causaria boa impressão na cidada a retirada de todos os elementos dela fossem retirados e/ou destruídos, por isso, junto com a fonte amarela e os pergolados estão contrastando com o relógio, o obelisco e o histórico coreto.

Figura 5 - Praça Getúlio Vargas Catalão (GO)



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Uma praça que antes valorizava a história e os feitos da cidade, e que foi palco de diferentes manifestações hoje convive com

a praticidade de elementos que pouco fazem parte desta história que foram inseridos e que no futuro possivelmente serão lembrados por este contraste. Diferentemente da Praça Getúlio Vargas a Praça Duque de Caxias (Mosaico 6) passou por um processo de grande alteração.

Figura 6 - Praça Duque de Caxias 2019 x 2021, antes e depois da operação urbana



Elaborado pelos autores, 2023.

As árvores da praça deram lugar a pergolados, fontes, um rio artificial, e a uma série de espécies exóticas ao bioma cerrado que não geram sombras, o coreto e os banheiros deram lugar a um quiosque administrado por uma empresa de lanches privada, que venceu um processo de concessão. Após o processo da operação urbana a praça se tornou outra, irreconhecível, com novas formas e equipamentos.

A praça em questão dispõe de elementos peculiares, é uma praça utilizada para realização de uma tradicional feira livre na cidade, de comércio popular, as árvores e os banheiros que antes apoiavam a realização da feira foram trocados por equipamentos que não facilitam nem um pouco a realização desta ocupação, o que leva a pensar que ela foi desconsiderada ao longo do planejamento do local. Ainda, ficou evidente um certo abandono para com os

equipamentos instalados (rampas e pontes de madeira com defeito e deterioradas)

O rio artificial estava seco e a fonte luminosa em desuso com sua água parada e suja, o que é um problema evidente e que impede o uso pleno do lugar até mesmo de sua programação materializada pelo planejamento (Mosaico 7).

Figura 7 - Rio seco e fonte luminosa desligada na praça Duque de Caxias em Catalão (GO)



Elaborado pelos autores, 2023.

A Praça das Mães seguiu uma lógica de renovação bastante parecida com a anterior, passou por uma destruição de seu lugar anterior dando "vida" a uma nova praça, com uma grande fonte, quiosques, rio artificial, diferentes espécies exóticas e ornamentais e *playground*. Entretanto é uma praça com diferentes espaços separados por lances de escadas e que não são acessíveis, com ausência de sombra pois não existem mais árvores. Fica à frente do

hospital Santa Casa de Misericórdia da cidade e tem a função de apoiar quem é atendido no hospital, mas sem sombras se torna impossível permanecer neste espaço, ainda, a programação de lazer de crianças brincando, famílias passeando contrasta com a de quem está apreensivo com possíveis questões de saúde.

O problema da fonte luminosa se repete também nesta praça que é cortada por uma queda d'agua e um rio artificial, elementos que substituem as árvores, mas que não funcionam por falta de manutenção (Mosaico 8).

Figura 8 - Rio seco e fonte parada na Praça das Mães Catalão (GO)



Elaborado pelos autores, 2023.

Nas praças Das Flores, Estrela e Anwar Safatle Júnior ambas construídas durante o período analisado os equipamentos são quase que idênticos, pergolados, espécies exóticas de plantas que não

produzem sombra, academias ao ar livre e quadras de esporte estão presentes nestas praças. Os problemas identificados foram a falta de sombra que impede a ocupação durante o dia e a falta de manutenção como o lixo espalhado por elas, grama alta e principalmente falta de luz o que também impede a ocupação no período noturno (Mosaico 9).

Figura 9 - Equipamentos estragados na Praça das Flores em Catalão (GO)



Elaborado pelos autores, 2023.

O mosaico exemplifica o estado dos equipamentos encontrados nestas praças, em diferentes estados de degradação, uma quadra poliesportiva com avarias, falta de gols e de cestas é um

empecilho para que a programação pensada para ela se materialize. Até mesmo a ideia de deixar a cidade mais "bonita" e reproduzir paisagens comerciais das praças fica impossibilitada visto que os inúmeros problemas de manutenção afastam as pessoas.

Outra praça alvo foi a Irca Vitória da Fonseca que fica bem próxima a Universidade Federal de Catalão, o que pode ser um dos motivos para que a praça não tenha perdido todas suas árvores. Entretanto a praça possui quadra de areia, *pet place*, academia ao ar livre, pergolados, mas não possui nada pensado para a ocupação da Batalha do Setor, ocupação que ocorre no local a mais de sete anos, sendo mais um uso local do espaço que foi desconsiderado no planejamento.

Também observamos a Praça da Fé que não recebeu grandes alterações, e a Dino's Park uma praça em que foram construídas estátuas de dinossauros, mas que no período da visita já estava toda destruída em grande estágio de degradação.

De modo geral estas praças alvo da operação, não possuem ponto de água para hidratação, banheiros, a acessibilidade é precária com poucas rampas desconexas, não tem piso tátil, são poucas as que possuem árvores e sombra durante o dia e ainda sofrem com a falta de manutenção com sujeira e equipamentos estragados. Fica claro que não são espaços remodelados pensando na ocupação feita pelos/as habitantes, sendo que não foram consideradas as antigas ocupações como no caso da feira e da batalha de rap e nem as mais recentes; a programação é voltada para espaços visíveis e que na realidade do dia a dia são estranhos aos diversos usos.

Considerações Finais

Durante a construção desta pesquisa algumas questões foram elucidadas, como a necessidade da participação coletiva nas decisões da cidade, de como serão feitas as reformas, quanto será gasto, e qual o resultado disso tudo.

Verificamos que a produção e reprodução destes espaços não é feita com o intuito de contemplar a comunidade que usa as praças, em outras palavras, em Catalão (GO) a operação que as renova tem por objetivo modernizar estes espaços, torná-los lugares de propaganda da cidade, a serem fotografados e publicizados a fim de elevar a imagem da cidade, uma estratégia aliada as técnicas de marketing urbano.

Entretanto, ficou claro que não foi algo pensado a longo prazo, para além das cerimonias de inauguração, isso porque no trabalho de campo constatamos que as praças estão abandonadas, com inúmeros equipamentos deteriorados e sem uso, de várias incoerências nas escolhas dos equipamentos das praças.

Frente a isso, conclui-se que estas reformas colaboram com esvaziamento dos espaços públicos, que quando impossibilitados de serem ocupados são substituídos pela esfera privada. Ao invés de circulação e uso social-cultural, o consumo acontece de forma primordial, ainda, é transparente a expansão da esfera privada no momento que estas praças passam a ser também espaços de consumo e de ampliação do processo de acumulação. Tudo isso não exclui as possibilidades de ocupação fora deste programado, que vão além do que está posto e que também foram identificadas enquanto diferentes usos coletivos que caminham separados do consumo.

Referências

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 16 mar. 2023.

BRASIL. **Lei n° 5.452, de 1° de maio de 1943. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho.** Brasília, DF, 2017. Disponível em: < https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5452-1-maio-1943-415500-normaatualizada-pe.pdf>. Acesso em: Acesso: 27/06/2023.

CARLOS, A. F. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011b. p. 1-36.

_____Ana Fani. Da "organização" à "produção" do espaço no movimento do pensamento geográfico, In: CARLOS, Ana Fani; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Borges (orgs.) A **Produção do espaço urbano – agentes e processos, escalas e desafios**. Editora Contexto, São Paulo, 2011a. P. 53-73

_____Ana Fani. **Espaço-tempo da vida cotidiana na metrópole**. São Paulo: FFLCH/USP, 2017.

CATALÃO, Lei 3.439, de 08 de dezembro de 2016. **Dispõe sobre a instituição do Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável Urbano e Ambiental de Catalão e das outras providências.** Catalão: Prefeitura Municipal de Catalão. 2016.

CATALÃO. Prefeitura Municipal, **Revisão do plano diretor de Catalão:** diagnóstico final / Coordenadores Francisco C. Silva Coelho, Marcos Martins Borges, Vinicius Gomes de Aguiar. – Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2017. 219 p. Disponível em: < https://www.planodiretorcatalao.com.br/relatorio-final> Acesso: 21/10/2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. Quem produz o espaço urbano In: **O espaço Urbano**, 4° ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.p. 11-31.

FERREIRA, João Sette Whitaker. A forma urbana patrimonialista: limites da ação estatal na produção do espaço urbano no Brasil. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**, v. 24, 2022.

HARVEY, David, **A produção capitalista do espaço.** Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Annablume, 2005, 251 pp.

_____, David. **Cidades rebeldes**, São Paulo, Boitempo, 2014.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. Tradução de Maria de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Perspectiva, 1973

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 1991.

MARÇAL, Patrícia Souza Rocha. **O clube do povo de Catalão (GO) – 1984-2011: histórias contadas, territórios vividos**, Dissertação de mestrado, PPGGC/ UFG-RC, Catalão, 2012.

MASCARENHAS, Fernando. O lazer e o príncipe eletrônico. **Licere**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 46-60, 2001.

ROBBA, Fabio, MACEDO, Silvio Soares. **Praças Brasileiras,** São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

SILVA, Max Wesley Florentino da. **Se essa praça fosse minha, eu mandava, eu mandava ocupar:** entre permanências e mudanças nas praças de Campina Grande-PB em suas revitalizações (2013 a 2017), PPDR/ UER, Campina Grande, 2018.

SOUZA, Flávia Kênia de Jesus. **Apropriação e Rtimanálise dos Parques Urbanos pelas práticas de lazer – Estudo de Caso parque Marcos Veiga Jardim – Goiânia – GO**, Dissertação de Mestrado, PPGEO/ UFG, Goiânia, 2023.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação / São Paulo: Atlas, 1987.

Submetido em: 1° de abril de 2024
Devolvido para revisão em: 02 de agosto de 2024
Aprovado em: 27 de agosto de 2024

DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2024.3389

Como citar:
MENDES, V.; COSTA, C. L. OPERAÇÕES URBANAS E ESPAÇOS DE LAZER EM CATALÃO (GO). **Terra Livre**, São Paulo, ano 39, v.1, n.62, jan.-jun. 2024, p. 423-452. Disponível em: https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/3389. Acesso em: dia/mês/ano.